

# A BATALHA

QUARTA FEIRA, 16 DE DEZEMBRO DE 1925

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

PREÇO 30 CENTAVOS — ANO VIII — N.º 2160

## O Banco de Portugal — eis o falsificador e o Angola e Metrópole é o seu cúmplice. Todos mergulharam na lama, todos se atascaram, todos se encheram! Só o povo que trabalha e não negoceia, continua a ser burlado. Só o país ficou mais depauperado!

Com orgulho o afirmamos: nesta questão do Angolo e Metrópole só um jornal existe em Lisboa que na lama pode intervir com eficácia. Esse jornal é *A Batalha*, que não tem atrás de si interesses obscuros e inconfessáveis a defender, que não tem peros os homens do Angolo e Metrópole mais consideração do que a que dispensa aos do Banco Nacional Ultramarino ou aos de outra qualquer entidade financeira.

Os outros jornais, salvo raríssimas exceções, não se batem pela Verdade e pela Justiça, como pretendem fazer acreditar ao povo ingênuo, batem-se por interesses tão reles, tão baixos como daqueles que afacam.

Se combatem o Banco Ultramarino, a casa Burnay, a firma «Sousa Santos & Viana», esquecem-se lamentavelmente de apontar como bandidos da finança os Alves Reis, os José Bandeira, a gente do Angolo e Metrópole. Se, porém, contra estes dirigem os seus dardos «redentores», como o vem fazendo *O Século* neste momento, *olvidam*, coitados! as burlas do Banco Ultramarino e respectivos satélites.

*A Batalha* não está nos casos da restante imprensa, não vive de expedientes reles, não cultiva a *chantage*. Onde vê uma chaga, cauteriza-a. Onde encontra um pântano, esforça-se por aterrá-lo. *A Batalha* vive, apesar do proletariado — o proletariado não pertence à finança — que o arruina, senão como objecto de exploração, senão como vítima que o arrasta, a alta banca, impiedosamente abate. Os interesses de *A Batalha* são os interesses do povo trabalhador, o eterno burlado. Por isso este órgão da miséria é quando ergue a sua voz, o único, o verdadeiro intérprete do vontade do país.

Não atacam apenas o Angolo e Metrópole, agora envolvidos num escândalo formidável ao qual estão ligadas algumas, muitas das individualidades de maior renome político. Atacamos a finança em globo. Mostrando os podres dos criminosos da alta banca, não pouparamos os seus aliados de importante categoria social — não temos interesse nisso. O nosso interesse é um só: descobrir a Verdade. Eis porque não acreditámos na loucura do sr. Pinto Magalhães quando ele mandou prender o sr. Inocêncio Camacho, governador do Banco de Portugal. Se prenderam o

Alves Reis por suspeita de burla — porque, na mesma ordem de ideias, não haviam de prender esses altos funcionários do Banco de Portugal sobre quem recaem hoje as suspeitas — esta é a verdade — de um país inteiro?

### A moralidade da campanha do órgão das forças vivas

Temos estado à espreita, a ver serenamente o desenrolar dos acontecimentos. E não temos perdido nosso tempo. Sabemos quais eram os fundamentos, as razões da campanha do *Século* que vem cantando vitória julgando que o povo acredita no seu desinteresse e na sua honestidade (nós lhe cantaremos a vitória); temos anotado por outro lado tudo quanto se refere ao caso do Angolo e Metrópole. Nesta luta de galos desavindos, que pretendem fazer-se passar por leões nobres e audazes, nós temos sido, em silêncio, observando com atenção para intervirmos no momento oportuno, os únicos juízes da confiança popular.

Vimos surgir a primeira fase da campanha do *Século*, quando ésta à falta de outro fogo de efeito, agitava, como novos, os velhos perigos e ameaças que pairam sobre as colônias portuguesas; descobrimos-lhe o jôgo nessa ocasião. Vimos aparecer a sua exaltada campanha contra o Banco de Angolo e Metrópole, a quem acusava de possuir capitais alemães destinados a absorver a província ultramarina de Angolo. E descobrimos-lhe o jôgo nessa ocasião; denunciando ao público que essa campanha favorecia o Banco Ultramarino (que a despeito de vir arruinando impunemente as colônias ainda não mereceu do *Século* uma campanha tão ruimada como a do Angolo e Metrópole).

Vimos surgir a campanha contra o venal Nuno Simões e logo compreendemos que não se tratava de uma campanha de moralização, mas dum conflito de interesses. E' que Nuno Simões afeiçoado a certas empresas coloniais financiadas pelo Angolo e Metrópole, era um rival do Ultramarino e da casa Burnay a temer na imprensa, no governo e no parlamento.

Era esta — e ainda — a moralidade do alarido que *O Século* vem provocando contra o Angolo e Metrópole. Favoreceram os objectivos pouco escrupulosos do órgão das forças vivas os

escuros negócios do Angolo e Metrópole, o carácter sinistro de alguns directores desta empresa financeira, tão tenebrosa nos seus designios como qualquer outra empresa financeira. Nada se parece mais com uma empresa financeira do que outra empresa financeira.

### Onde está, afinal, o oiro alemão? — Notas falsas que não são falsas

A descoberta das chamadas notas falsas encheu de regozijo aquele jornal. Com tão valioso trunfo na mão a partida estaria ganha.

E o *Século* abandonou imediatamente as patacadas inconsistentes do ouro alemão e dos perigos internacionais que ameaçavam as colônias, para se agarrar às notas falsas, para desacreditar por completo os rivais das empresas financeiras suas amigas (Ultramarino, Burnay e outros).

Mas o pior é que as notas não são falsas. Vieram os representantes da casa Waterlow & Sons, Limited, examinaram-nas escrupulosamente e verificaram que haviam sido fabricadas nas suas oficinas. Quem encorajou as notas? O Angolo e Metrópole? Não, porque este banco não tinha categoria, nem poderes legais bastantes para curhar moeda. Só o Banco de Portugal as poderia ter encorajado.

### Um aumento clandestino de circulação fiduciária

Estamos em face, pois, de um aumento de circulação fiduciária clandestino lançado, sem as respectivas autorizações, no mercado nacional.

E, pois, o Estado que burla o país, restando apurar com nitidez que é a existência tiveram os burlões do Angolo e Metrópole nesta questão.

O escândalo que o *Século* provocou é tão grande que é próprio já o teme. E' que a lama vai atingir pessoas altamente situadas na sociedade portuguesa, que o *Século* pretende poupar.

As notas não são falsas — as notas são do Banco de Portugal.

Agora a grande imprensa começa a fazer romance admitindo a hipótese de que a sua encomenda foi feita à casa Waterlow com documentos falsificados, sem o conhecimento do governador do Banco de Portugal e de outras criaturas que, tudo leva a crer, estejam implicadas nesta burla formidável. Mas a opinião pública lê nas entrelinhas e já murmura para consigo a fulminante verdade: O Banco de Portugal é o falsificador e o Angolo e Metrópole o seu cúmplice.

### A loucura de Pinto de Magalhães era absolutamente lúdica ...

Não estava, portanto, louco ou exaltado o dr. Pinto de Magalhães quando prenha os srs. Inocêncio Camacho e dr. Mota Gomes, respectivamente governador e vice-governador do Banco de Portugal. Aquele funcionário da polícia puxera o dedo na ferida e o seu gesto lançou sobre a questão jorros de luz. Inocêncio Camacho e Mota Gomes, Lobo de Avila e todos os que dirigem o Banco de Portugal são as cabeças do tenebroso plano. Se os seus cúmplices do Angolo e Metrópole estão na cadeia, porque não estão também os cabecilhos?

Se o governo e a direção do Banco de Portugal não soubessem até quanto ia a existência das chamadas notas falsas (poderia ser uma falsificação de milhão de contos!) não teriam ordenado, excepcionalmente — o que nunca se fez — com prejuízo tremendo para o Estado, a troca de tócas as notas que aparecessem. Se o governo e a direção do Banco de Portugal não estivessem no segredo, no âmago da burla não teriam com tanta confiança e prontidão recebido as notas que muito bem sabiam não serem falsas.

O escândalo tem mais ramificações de que amanhã continuaremos a tratar. Por hoje, leitor, que trabalhas, que te esfalfas dia a dia para angariar o escasso pão que mal te alimenta, basta que saibas que a finança é, toda ela, exploradora e corrupta, e que se os dirigentes do Angolo e Metrópole, que estão na cadeia, são burlões, os outros, os que se governam nos outros bancos, com a cumplicidade de governos e políticos são igualmente miseráveis.

## Sobre as garantias individuais em Portugal

## NOTAS & COMENTÁRIOS

## A barbarie dos linchamentos nos U. S. A.

É sob este título que o nosso amigo e colaborador dr. Du Cunha Dias, no 1.º número do seu interessante panfleto *O Cadastro*, dedica a *A Batalha* uma carta em que, juridicamente, escalpela o arbitrio que reveste o internamento no Manicômio Bombarde de Boaventura Chaves da Costa Barbosa, aquele pobre rapaz a quem *A Batalha* se referiu na desenvolvida reportagem que fez da visita dos seus redactores àquela «casa de saúde».

Eis a carta:

Meu amigo — Conta *A Batalha* no numero de 25 de novembro a trágica odiseia de um pobre rapaz de vinte anos há quatro internado por um tio, dr. António de Oliveira e Castro, no Manicômio Bombarde.

E nesse artigo, v., meu caro Santos Arranha, refere-se ao decreto de 11 de maio de 1911, que de facto ainda regula a admisão e os internamentos em manicômios do nosso país.

Disse, de facto, não de direito, porque o decreto de 11 de maio de 1911 — como tudo é bizarro em Portugal — aplica-se, mas está revogado pela Constituição da República, promulgada em 21 de agosto de 1911, que no n.º 35 do artigo 3.º determina:

«Fora os casos expressos na lei, ninguém ainda que em estado anormal das suas faculdades mentais, pode ser privado da sua liberdade pessoal, sem que preceda autorização judicial, salvo caso de urgência devidamente comprovado e requerendo-se imediatamente a necessária confirmação judicial.»

Ora os casos expressos na lei, única exceção à regra que o número 35 do artigo 3.º da Constituição estabelece, são enumerações taxativas, no n.º 16 do mesmo artigo 3.º, que assim resa:

«Ninguém poderá ser preso sem culpa formada, a não ser nos casos de flagrante delito e nos seguições: — Alta traição, falsificação de moeda, de notas de Bancos nacionais e títulos da dívida pública portuguesa, homicídio voluntário, furto doméstico, roubo, fálgencia fraudulenta e fogo posto.»

Disse, de facto, que é de direito, porque o decreto de 11 de maio de 1911 — como tudo é bizarro em Portugal — aplica-se, mas está revogado pela Constituição da República, promulgada em 21 de agosto de 1911, que no n.º 35 do artigo 3.º determina:

«Fora os casos expressos na lei, ninguém ainda que em estado anormal das suas faculdades mentais, pode ser privado da sua liberdade pessoal, sem que preceda autorização judicial, salvo caso de urgência devidamente comprovado e requerendo-se imediatamente a necessária confirmação judicial.»

Ora os casos expressos na lei, única exceção à regra que o número 35 do artigo 3.º da Constituição estabelece, são enumerações taxativas, no n.º 16 do mesmo artigo 3.º, que assim resa:

«Ninguém poderá ser preso sem culpa formada, a não ser nos casos de flagrante delito e nos seguições: — Alta traição, falsificação de moeda, de notas de Bancos nacionais e títulos da dívida pública portuguesa, homicídio voluntário, furto doméstico, roubo, fálgencia fraudulenta e fogo posto.»

E' esta a legislação em vigor. Contudo aplica-se o revogado decreto de 11 de maio de 1911, que no seu artigo 33 elucidava poderes de admisões em manicômios serem provisórios, mediante um simples requerimento: 1) pelos próprios doentes, 2) pelos cônjuges, 3) pelos pais, 4) pelos filhos, 5) pelos netos, 6) pelos pais, 7) por estranhos.

Ora nem uma lei, quanto mais um decreto, pode modificar, revogar a lei fundamental dum país — a sua Constituição.

De resto, v. tão bem o sabem como eu, a lei nova revoga a lei velha. O decreto é de 11 de maio de 1911, a Constituição é de 21 de agosto do mesmo ano, a lei nova revoga a lei velha, logo o decreto foi revogado pela Constituição, naquelas disposições que ofendam os princípios na Constituição consagrados.

E' esta a legislação em vigor. Contudo aplica-se o revogado decreto de 11 de maio de 1911, que no seu artigo 33 elucidava poderes de admisões em manicômios serem provisórios, mediante um simples requerimento: 1) pelos próprios doentes, 2) pelos cônjuges, 3) pelos pais, 4) pelos filhos, 5) pelos netos, 6) pelos pais, 7) por estranhos.

Processo eficaz e radical. Sei-o por experiência própria.

— e, mediante esse simples requerimento, essa pessoa é internada (§§ 1.º e 2.º do art. 35.º).

— depois, se dois médicos subscreverem um atestado afirmando que o internado padecia de loucura (art. 35.º e 2.º, art. 36.º n.º 1 e 2);

— mantido o internamento até que os médicos do manicômio, por concordância de votos, resolvam o contrário (§ 2.º do art. 42.º);

— ou a pessoa que requereu o inter-

### Convém registrar

O leitor devia ter reparado já neste contraste flagrante: os presos operários apodem nas esquadras inundadas, só porque sobre elas impede a irrisória suspeita de todos terem tomado parte num atentado.

Os homens do Angolo e Metrópole, contra quem se têm feito acusações tremendas, encontram-se rodeados de todas as comodidades e, quando interrogados, afirmam com energia, mesmo com insolência a sua candura...

Se um operário se defende com veemência dumas acusações é brutalmente espancado, quando não assassinado a tiro, durante a noite, ao voltar dum esquina. Verifica-se, pois, uma vez mais que os que têm dinheiro — mesmo que esse dinheiro seja considerado falso — possuem até na própria adversidade maiores confortos e regalias do que os pântas que vivem apenas do produto do seu esforço honrado.

### Compreende-se...

Todos estranharam, principalmente os que raras vezes têm na sua mão uma nota de quinhentos escudos, a facilidade e a prontidão do Banco de Portugal em trocar as chamadas notas falsas de meio conto. Era hábito, sempre que naquela casa bancária aparecia algum papel moeda falsificado, o empregado apicar-lhe imediatamente um carimbo com esta palavra: «Fake».

Quando há tempos se descobriram as misérias que falsas de fato, a Casa de Moedas não as aceitava — prejudicando muita gente de fracos recursos que raras vezes na vida vêem de quinhentos escudos. Mais parece que está explicada a gentileza do Banco de Portugal para com os portadores das chamadas notas falsas. O Banco não troca dinheiro falso, troca apenas o que vêm apenas do produto do seu esforço honrado.

### Tal pal, tal filo...

O sr. Canha e Costa foi sempre um salteador que andou de candeias às avessas com a vergonha, tem um filho que é da mesma fôrça. Entre o pai e filho só há duas diferenças: a de idade e a de inteligência.

O filho disse ontem ao parlamento que as deportações foram feitas legalmente. Menti. O rapazinho seria capaz de falar em tese em África alguma pessoa de família deportada nas mesmas condições das que se encontram na Guiné? Ou não fosse filho de quem é...

### 12 horas...

Alves dos Reis, o «cabeça de turco» do escândalo das notas, solicitou à polícia que lhe concedesse 12 horas de descanso devido à grande fadiga dos interrogatórios, depois de sete meses seguidos num calabouço infecto, tuberculizando-se, espetrando sangue, sujeitos a interrogatórios inquisitoriais, arrancados brutalmente ao melhor do sono e, o que é bárbaro, canibalicamente agredidos pelos agentes inquisidores e... inquisidores.

Posto o que, convém dilucidar, que existe um processo seguro de resolver estas anormais situações — a fuga.

Processo eficaz e radical. Sei-o por experiência própria.

Mas agora, depois do artigo de *A Batalha*, não lhe vejo probabilidades. Houve uma precipitada inversão dos termos: — o fado a fuga, depois o artigo.

Assim fiz quando, aqui há nove anos, me atiraram para o Manicômio do Telhal, e quinze dias passados me transferiram, rocambolecamente, para o Manicômio Conde Ferreira, no Porto, sob a tremenda acusação de padecer de loucura... lúdica, perigosa e incurável.

Posto o que, convém dilucidar, que existe um processo seguro de resolver estas anormais situações — a fuga.

Processo eficaz e radical. Sei-o por experiência própria.

Mas agora, depois do artigo de *A Batalha*, não lhe vejo probabilidades. Houve uma precipitada inversão dos termos: — o fado a fuga, depois o artigo.

Assim fiz quando, aqui há nove anos, me atiraram para o Manicômio do Telhal, e quinze dias passados me transferiram, rocambolecamente, para o Manicômio Conde Ferreira, no Porto, sob a tremenda acusação de padecer de loucura... lúdica, perigosa e incurável.

Posto o que, convém dilucidar, que existe um processo seguro

**TEATRO S. CARLOS**  
**O PRÍNCIPE JOÃO**  
**HOJE às 9 1/4 da noite**  
**Espectáculo sensacional**  
**Admiráveis criações de**  
**LUCÍLIA SIMÕES**  
**e SAMUEL DINIZ**

**Na Áustria, os cães ameaçam desencadear uma revolução**

De Viena de Áustria dizem-nos que a população se acha dividida em dois grandes partidos assomadiços, por virtude da existência faustosa dos cães. A Igreja, como é lógico, em assunto tão melindroso, também interveio, pois o arcebispo Pifel verberou ásperamente os cuidados luxuosos de que gosam os cães, enquanto se desprezam para a miséria humildes crianças do povo.

Segundo as últimas estatísticas, existem mais de cem mil cães em Viena, a maior parte constituída por verdadeiros molossos os quais consomem mais um dia do que cem mil famílias pobres em uma semana. Os partidários adversos dos cães sugeriram ao governo que elas devem pagar os mesmos pesos impostos.

Em suma, na capital austriaca, por causa dos cães, mordem-se dois grandes partidos efervescentes, perigando a paz social com uma eclosão revolucionária. Em Portugal, ao invés, são os banqueiros que ocupam o lugar dos cães e para que elas não paguem impostos e vivam fartosamente, mordem-se os partidos políticos, as autoridades policiais e as administrações dos jornais que fazem campanhas patrióticas. Como se está vendo agora...

**UMA VITÓRIA DOS FERROVIÁRIOS DE QUEENSLAND**

Após uma semana de greve, os ferroviários de Queensland conseguiram que lhes voltassem a pagar os 5%, que lhes tinham reduzido nos salários.

Dirigiram primeiro as suas reclamações ao governo trabalhista do Estado, mas este não as atendeu.

Bastou porém que abandonassem todos—28.000 homens aproximadamente—trabalho, para que no fim duma semana desses satisfação as suas justas reclamações.

**Ocorrências diversas**

No pôsto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço, foi pensado, recolhendo depois à enfermaria de Santo António, do hospital de São José, Daniel dos Santos, de 65 anos, pintor, natural de Lisboa, e residente na rua da Guia, 6, 3º, que, no largo do Conde Barão, foi atropelado por uma motocicleta, ficando com uma perna fraturada.

—No Banco do hospital de São José, receberam curativo e seguiram para casa:

Abel Pardiñas, de 14 anos, natural da Galiza, morador na rua Nova do Carmo, 112, que, na mesma rua, foi atropelado pelo automóvel S. 9282, ficando ferido no rosto e Elio da Silva, de 54 anos, natural de Loures, empregado no comércio, morador na rua Rosa Araújo, 29, que, na rua do Amparo, foi atropelado por um automóvel, ficando com várias contusões nas pernas.

—A enfermaria de Santa Joana, do hospital de São José, recolheu Virginia Trindade Camacho, de 13 anos, natural dos Olivais e residente na estrada de Sacavém, 94, cava, D, que ali caiu por uma escada, fracturando uma perna.

—A enfermaria de Santo António deu entrada José dos Santos Aires, de 46 anos, trabalhador, natural de Lisboa e morador na rua Ocidental do Campo Grande, 59, que caiu na Charneca, ficando contuso pelo corpo.

—No Banco do hospital de São José, receberam curativo e recolheu a casa, Francisco da Silva, de 33 anos, natural de Lisboa, serralheiro, residente na Vila Dias, 79, 1º, Xabregas, que, na Fábrica de Tabacos Lisboense, em Santa Apolónia, foi colhido por engrenagem de uma máquina, ficando com um dedo da mão direita esmagado.

**Em benefício dos nossos presos**

Encontra-se na nossa redacção, a fim de ser vendido pelo maior lance, em benefício dos presos por questões sociais, um artístico tinteiro de ferro fundido, para duas tintas, próprio para escritório ou para uso de qualquer sindicato.

O tinteiro em referência é oferta dum camarada da classe dos inscritos marfimados e já tem o lance de 10\$00.

Quem oferece mais?

**Teatro Gimnásio**

Telef. C. 2814

Direcção artística de GIL FERREIRA

**HOJE-VIERN E DOMINGO-HOJE**

**LINDA COMÉDIA EM 3 ACTOS**

em que

**PALMIRA BASTOS**  
interpreta a protagonista.

Em raios de destaque:

Gil Ferreira  
Fátima Brochado  
Henrique Albuquerque  
e Tarquínio Vieira

**DOMINGO**  
2º concerto sob a direcção  
do maestro Fábio

**O Banco de Angola e Metrópole tinha em preparação 100.000 contos em notas de 1000 escudos**

O caso do Banco de Angola e Metrópole continua sendo fértil em suspresas, não tanto pelo que tem sido dado ao conhecimento do público, mas pelo que se oculta e avinhão através de tópica a espécie de gafes que se têm praticado.

Chegou-se a considerar maluco um juiz só porque ele prendeu o governador e vice-governador do Banco de Portugal—do Banco que encorreu as notas que a princípio se disseram falsas e afinal eram verdadeiras que foram trocadas por outras. O sr. Inocéncio Camacho—é curioso que chamam-se Inocéncio—é finalmente a curiosidade a que é mestre averiguar-se mas sim dima maneira de estreitar relações entre pessoas que já deviam ser conhecidas e que afinal, talvez por falta de tempo, não se conheciam... Um governador do Banco de Portugal tem tanto que fazer...

\*\*\*

Um jornal da manhã, mau grado sua orientação inimiga de grandes negócios e de grandes banqueiros, noticia o caso do Banco de Angola e Metrópole com a mesma indiferença como se se tratasse dum caso ocorrido na vaga república de Guatemala. Ultimamente, comoveu-se todo pela campanha que se tem feito contra Nuno Simões que fez uma fortuna à custa de tranquilíssimas, devido à sua influência política e ao apoio escandaloso que lhe dão outros políticos tão amigos de riquezas mal adquiridas como ele. É como querer que o pai do Nuno morrido, o mesmo jornal insinua que foi a campanha contra o filho que o levou para a cova, sem nunca teria falecido, pois parece que ele devia durar até ao ano 3000. Isto é que é sentimentalismo!

Porque não pede o mesmo jornal que não ataquem os restantes implicados no Banco de Angola? Esses têm pessoas de família. O sr. Simões é filho das ervas? É certo que o jornal em questão também se esfalfa por lhes poupar desgostos. Mas isso não é tudo. Devia também pedir aos jornais para se calarem, não só a pão de alguns déles morrer com hidropisia ou com qualquer outra doença nos intestinos.

\*\*\*

Sua excelência o sr. José dos Santos Bandeira sabendo que o círculo das considerações oficiais em que vive depois que se apurou ser um dos principais dirigentes do Angola vai recorrer, insistiu há dias para falar ao sr. Domingos Pereira, chefe do governo visto que só a ele faria declarações! O chefe do governo aceceu gentilmente, mas o sr. Bandeira que queria falar-lhe ao ouvido arrependeu-se e teve esta tirada pétrea: «Não devia dizer nada. Compreendo a fiesação dos senhores. Sou um acusado. Mas sou, mais do que isso, um português. E, por essa condição, me devolvo para não prejudicar o crédito da minha pátria. Calar-me-hei.»

—É isso, leitor? Também tu tens lágrimas nos olhos?...

\*\*\*

O sr. Barros Queiroz, nacionalista, recusou-se a aceitar o convite do governo para ir ocupar o lugar do antigo unionista Inocéncio Camacho. Em face disso o sr. Inocéncio Camacho fica no Banco de Portugal, exactamente numa altura em que se dizia que ele ia ficar no banco dos réus.

—É claro que quem isso stupôs não passa numa pessoa excessivamente crédula... Há gente que acredita nas maiores enormidades!

\*\*\*

Os falsificadores tinham preparado também uma emissão de 100.000.000\$000 (cem mil contos) de notas de mil escudos. Não a puseram a circular, porque o Banco de Portugal conservava em reserva as notas da série que elas falsificaram.

**Secção Telegráfica**

**Federações**

**JUVENTUDES SINDICALISTAS**

N. J. S. de Graça do Divor—Recebeu-mos o seu expediente.

N. J. S. de Aljustrel—Segue amanhã o seu expediente.

N. J. S. do Barreiro—Secretário geral—Necessitamos falar-lhe. Escreve.

**METALÚRGICA**

S. U. Metalúrgico do Porto—Recebeu-mos o seu expediente.

S. U. Metalúrgico de Aljustrel—Recebeu-mos o seu expediente.



# A BATALHA

## greve dos ferroviários de Lourenço Marques

As causas que determinaram o movimento — O que diz a imprensa da província — Um gesto simpático mal compreendido pela burguesia — A firmeza dos grevistas e a confiança do Comité da greve

No dia 11 de Novembro, os ferroviários de Lourenço Marques, como fizemos referência, proclamaram a greve geral em todos os serviços da extensa rede ferroviária da província de Moçambique. Desses grandiosos movimentos avulsos nos chegaram uns pequenos vagidos, ignorando nós, até há pouco, as razões que determinaram o gesto daquela numerosa classe.

Melhor informados agora, podemos dizer aos leitores que a greve teve como causa a publicação dum nova organização de serviços ferroviários, que denominaram Reorganização.

As nossas informações foram colhidas nos jornais de Lourenço Marques, chegados há pouco a Lisboa. Para que se faça uma ideia segura das razões aludidas pelos grevistas, vamos transcrever vários trechos de artigos daqueles jornais.

### Os perigos da "Reorganização"

Damos a preferência ao semanário *Emancipador* para explicar ao público até onde a "Reorganização" vai ferir os interesses dos ferroviários:

Um vento de furacão está a abalar a classe ferroviária, nem outra coisa era de esperar dos cérebros doentes dos seus dirigentes, à frente dos quais se destaca o Engenheiro Rua, assistido pela figura interessante e nervosa do *ignavio Cabral*.

Desconhecedores dos serviços ferroviários, as autoridades colaboraram até à inaniidade, nessa derrocada direitos adquiridos acobertados pela lei, que ainda resvala determinadas más vontades, mas que aplicadas com reserva mental, como o são, esfarrapam-na deixando-a inútil. Ou nós não estivesssemos a 7.000 milhas da Metrópole, nessa santa terra onde o calor do mando sob a cabeça de tanta maldade, e onde o telegrafo funciona pela vontade, das conveniências.

Não se dirá que de há meses a esta parte os ferroviários não têm deixado trabalhar em sossêgo os cabulós, na esperança que lhes entrasse no cérebro um raio de luz, e sofrendo reduções e más criações, injustiças e ataques de estupidez, com aquela resignação do mártir Sebastião, sem ao menos ter aquela frase consagrada de quando o povo dizia morra, o santo dizia...

Agora o que deixamos demonstrado têm os ferroviários no lombo novas disposições disciplinares, como as sabem fazer as almas liberais da idade média com a atenuante pôrém de que o medo tem sido muita vez a causa da absolvição de criminosos, e s. ex.º tem medo dos seus acios. O pessoal assalariado ficou também sem qualquer cobertura no caso de doença comprovada, e até a regalia há pouco concedida de hospitalização se fôr em *humanitárias criaturas*, o quadro que servia pelo menos de uma garantia para os aprendizes despareceu — ou desaparece no futuro, e o pessoal posto ao abrigo da lei de 14 de Junho de 1913, fica como que arrebatado às conveniências, e tudo isto apenas com o fundamento de economias, quando um médico distinto nos diz que todo este barulho se faz para uma economia de £ 800, quando há quem gaste £ 600 num só dia, com a esperança de um pacote. Além do quadro, o pessoal de ofícios perde o sábado de tarde, e o pessoal de tracção deve ver com atenção as disposições do capítulo VI; este capítulo interessa igualmente ao pessoal de Trens, Guindastes e Electricidade, Movimento, etc.

Camaradas: tal reorganização além de ilegal e imoral, afronta a dignidade de homens livres e as leis ficam a perder de vista com o espírito inventivo dos torqueados modernos. A sua dureza não se encontra tóida no "Boletim Oficial", há de aparecer nos regulamentos complementares, nas "desordens" de serviço. Ai, ai, ferroviários, e que virá esverrando o pás das consciências dos cabulós, o ódio tórrido à claridade, e tudo isto se faz contrariamente ao que manda a lei, quando não tarda muito tempo que o Caminho de Ferro não esteja a braços com falta de pessoal, como já existe em muitas secções. Como se o próximo verão não se encarregue de diminuir parte do pessoal, especialmente tracção!

Fical sabendo senhores, não há pessoal a mais, o que há a mais são nulidades, incompetências, e torquemadas que embaram quem quer trabalhar, e que por sua vez não trabalham porque não sabem."

Ainda do mesmo *Emancipador*, mas dum suplemento que editou, resgatamos a este significativo trecho:

"O que os dirigentes não emendaram foi a *tranquillera* organizada para evitar de pagar horas ao pessoal, não só da Tracção, mas também ao Movimento, Trens, Manobras, Electricidade e Guindastes.

Que o pessoal veja bem a artimanha consta na divisão de tempo, na forma como a reorganização estabelece o tempo de serviço de repouso e descanso.

Todo este pessoal está de serviço, e está em descanso ou repouso, ao mesmo tempo, e desta forma consegue o sr. Rua ter pessoal sempre pronto para o serviço sem lhe pagar.

O pessoal destes serviços pode estar empurrado no serviço dos C. F. L. M. 10, 12 e mais horas sem contudo lhe marcarmos mais de 8, com agravante de que estebelecerem 96 horas de serviço em duas semanas, quanto aí aqui tinham 48 por semana.

Os leigos não de rir-se, dizendo ser a mesma coisa, mas o pessoal ferroviário sabe bem o quanto esta artimanha é prejudicial, pois que é uma autêntica ratoeira para apurar as horas extraordinárias que o serviço obriga o pessoal a fazer."

Como foi votada a greve

E o *Emancipador* que nos explica como foi votada a greve:

"Em suplemento ao *Emancipador* da semana passada, foi exposta, mas uma vez a situação dos ferroviários perante a reorganização dos C. F. L. M. e convocada a classe a reunir em sessão magna na passada terça-feira pelas 19 e meia horas.

Foi uma assembleia imponentíssima a que assistiram, mais de 500 ferroviários encontrando-se inscritos no livro de presenças e várias folhas espalhadas anexas quaisquer esse número.

## A DEMOCRACIA E A CLASSE OPERARIA

Nos grandes momentos de crise, momentos "excepcionais", deixará de ser conveniente a revisão de todos os princípios ideológicos?

Atravessamos um momento deveras difícil. Pode mesmo considerar-se, não sei se justamente, um momento excepcional. Serão excepcionais no regime burguês e capitalista as crises, a reacção, o imperialismo? Será menos excepcional o período do fascismo social, como o que observamos actualmente em que é também de desequilíbrio, de excesso autoritário, de imposição violenta?

Admitamos, porém, que o nosso momento seja excepcional. E usemos de uma linguagem que está em moda, para inquirir: Durante os momentos excepcionais, as ideias deverão ter uma *moratória* ou uma inflação? Subentenda-se nessa minha pergunta que me refiro às nossas ideias, que constituem um problema de capital importância.

A moeda está sujeita às necessidades da inflação, segundo a metáfora do nosso tempo, e quando a inflação não está garantida por uma equivalência em ouro, ela representa um abuso de circulação fiduciária.

Então, funciona a estamparia, fazendo a dilatação do prestígio do estado, que se torna moedeiro falso. Eis o que igualmente se dá com as ideias, que também podem sofrer inflações de moratória, de revisionismos, de substituições nas épocas de crise excepcionais.

E' o momento em que as velhas ideologias representam uma inflação, um arbitrio, uma insensatez, uma *doutrina*, como dizia Proudhon, designando o empirismo dos doutrinários que fazem abstrações das consequências da ação.

O movimento manifestou-se imediatamente grandioso, pelo abandono de trabalho nos principais serviços.

A adesão ao movimento é total no serviço de tracção, guindastes e oficinas gerais.

As defecções que existem são de nulo efeito, porque os defecistas são indivíduos de cargos superiores.

Na tracção só estão ao serviço os três maquinistas principais, o sub-chefe e o chefe do Depósito.

Nas oficinas gerais estão de serviço os contramestres à exceção do de secção dos pintores e à electricidade, além do chefe de maquinistas de guindaste, existe também em serviço só o chefe dos electricistas.

Em manobras a adesão à greve é completa como completa é no serviço de trens. Ao serviço só se encontra o pessoal de Secretarias e o pessoal de estações e estes por estarem no mato e terem lá suas famílias, não abandonaram já o serviço pela deslocação a que eram obrigados.

Contudo estamos em crer que elas estão de alma e coração por esta causa que a elas lhes interessa sobremaneira.

O moral dos grevistas é dos melhores estando dispostos a lutar até vencer.

### Ataarda que se destaca

O jornal *Portugal*, numa pequena local que passámos a transcrever, informa que correram algumas versões a propósito da atitude assumida pelo engenheiro Andrade:

"A' roda desta greve, que como acima dizemos encheu de surpresa a tóda a gente, bordam-se neste momento as mais estranhas considerações, algumas das quais não passam por certo de puras fantasias, como por exemplo o boato que corre de terem os grevistas convidados para assumir a direção dos C. F. L. M., caso triunfos da greve, e o engenheiro sr. Andrade, e perante a recusa deste o seu colega sr. Freitas Costa. Interrogados pelo redactor do *Portugal*, tanto um como outro negaram que tal convite lhes tivesse sido feito."

Por sua vez, na segunda página, o mesmo jornal publica uma entrevista com o ferroviário Cristóvão Furtado, da Associação do Pessoal do Porto e Caminho de Ferro de Lourenço Marques, que, além de explicar as causas da greve, destaca a ataarda que correu pela cidade a propósito daquele engenheiro. Ei-la:

"Enviamos ao sr. comissário de polícia um ofício em que pedímos para solicitar ao sr. alto comissário a suspensão da reorganização. No dia 9, pelas 20 horas, o sr. alto comissário mando dizer que não podia suspender reorganização, por já estar publicada, mas que fizessemos as nossas reclamações, que elas estudassem-las-hia, vendo em seguida se alguma cousa teria a fazer.

— Parece que sim.

— Nesse caso a greve...

— Fomos para ela depois dessa resposta, porque o pessoal estava verdadeiramente indignado por causa da questão das subvenções e dai nasceu a convocação da assembleia geral. E como o Estado não permite a greve, fomos para ela de cabeça levantada, convencidos de que temos por nôs a direção.

As nossas ideias são, portanto, fruto de revisões. De revisões feitas por pensadoras, que eram homens de ação no seu tempo, experimentando na sua ação a insuficiência das ideias avançadas do seu tempo e a necessidade de fazer a guerra contra essa insuficiência, que não podiam ser causa de trações de impotência em favor da Igreja.

Não acreditamos que a insuficiência apontada indique melhor adaptação, que não seria só de *quantidade* como de *qualidade* teórica, da qual viria uma diversa direção e profundidade da luta relativa e consequente.

Asas Comitê, que vos informará concisamente das várias fases da questão, sejam em favor ou contra nós. Só estas informações devem tomar por verdadeiras e desinteressadas e isentas de paixões, mas ditadas pela razão forte da vossa confiança.

Assim, as informações que temos obrigatoriamente a dizer-vos que as entidades superiores têm sido correctas para com todos nós, e estamos convencidos que o continuaremos sendo, porque o nosso movimento é ordeneiro e justificado pela brutalidade da medida que nos amarranha como entes abjectos e vis.

Camaradas! Se alguma coisa precisa ser reorganizada e regulada, é a desorganização do mando, a indisciplina dos de cima, se alguma coisa há a cortar, é de cima para baixo, porque quem ganha £ 150 por mês e distribui benesses aos ampanados, não tem autoridade nem força, para cortar quem ganha entre 20 e 30 libras; quem cria lugares chorudos e comodos, como é de *certo* a tráficos indecorosos que possivelmente tratarmos breve.

Não deveis, pois, camaradas, dar ouvidos a pessíssimas informações nem cometer excessos de energia, nem receios de fraqueza, e sendo certo que nem sempre certa imprensa é justa nas suas apreciações, vós, que tens a vossa, é só a elas que deveis dar crédito.

Camaradas, energia na vossa união e vençamos!

A greve prossegue

As últimas notícias chegadas a Lisboa dizem-nos o seguinte:

— Continua sem solução a greve ferroviária.

— Continua sem solução a greve ferroviária.</p